

A MISSÃO DA ENGENHARIA MILITAR

Discurso pronunciado pelo Gen. Ex. ORLANDO GEISEL, Chefe do Estado-Maior do Exército, na cerimônia de entrega de espadas aos generais promovidos a 25 de novembro de 1967.

No ciclo de um ano destas cerimônias, procurou o Estado-Maior do Exército acrescentar, às palavras de júbilo, sentido de meditação e permanência, em motivações de ordem profissional. Aos promovidos de novembro de 66, mostramos o simbolismo da espada e os atributos básicos dos generais da Nação brasileira. Pensando em Tiradentes, versamos, em abril, o tema do Nacionalismo, para os escolhidos de março. E, ao desaparecer um grande soldado, apontamos o exemplo de sua vida como um roteiro modelar de general.

Hoje vivemos uma festa da Engenharia Militar: somente engenheiros sucedem a camaradas há pouco retirados levando acervo de sacrifícios, renúncias e serviços. Quiséramos este ato a 11 de dezembro, no Dia do Engenheiro, mas, ainda sob o seu influxo, lançamos a generais engenheiros, o tema da Engenharia Militar.

A carreira de Vossas Excelências — de 1930 a 1967 — fez-se ao longo da fase pioneira de nossa Engenharia no desenvolvimento nacional. No marco de sua iniciação, criava-se o Instituto Geográfico e ativava-se a Escola de Engenharia Militar, restabelecendo-se a formação de engenheiros, interrompida desde 19. Mais tarde esses centros de cultura se integrariam na Escola Técnica do Exército, hoje Instituto Militar de Engenharia.

Seu pioneirismo nos campos da Engenharia especializada haveria de refletir-se sobre todo o ensino nacional. Contrapunha-se a politécnica a técnica específica de Construção, Geodésia, Eletricidade, Armamento, Automóvel, Aeronáutica, Química, Metalurgia, Comunicações, Eletrônica e Energia Nuclear. Nessa fase de vanguarda, o Exército ajudou o surto industrial brasileiro formando mestres universitários, pesquisadores, organizadores e fundadores de nossas indústrias de base, bem como acendendo a consciência nacional. Prolongava-se ao século XX o pioneirismo do Brasil Colônia, feito na batalha dos limites, na construção das velhas fortalezas, dos ca-

minhos, dos aquedutos e das igrejas tradicionais. Nas famosas Aulas de Fortificações e na Academia Real Militar — berço da Escola Central e da Escola Nacional de Engenharia.

Ao chegarem Vossas Excelências à cúpula do setor técnico do Exército, parece findar-se o ciclo de pioneirismo da Engenharia Militar, na pujante afirmação da Engenharia Nacional e na consolidação de nossa indústria de base. Impõe-se, agora, que a Engenharia do Exército se volte mais para o próprio Exército.

Hiroshíma, desencadeando a 2ª Revolução Industrial, aumentou o descompasso entre prósperos e subdesenvolvidos e agigantou o desequilíbrio de poder, oferecendo ao mundo o espetáculo de uns poucos titãs impondo condições à humanidade de nações inermes. E tornou muito mais difícil emergir para a prosperidade e a grandeza.

A gente brasileira é portadora de uma mensagem de paz, porém, em parte e momento alguns, a História mostrou a grandeza, a prosperidade e a paz desprotegidas. Cumpre-nos assegurar parcela dessa proteção, hoje algo, muito mais amanhã, na medida de nossa marcha para cima. A eficiência de um Exército não assenta, apenas, no valor do homem, mas em recursos materiais de toda gama, que uma indústria civil e nacional deverá prover.

A conjuntura mundial dos idos de 40 propiciou-nos longos anos afora, por outorga, do estrangeiro, materiais e equipamentos, no contexto da assistência recíproca. Embora isso contribuisse para atualizar-nos, não bastava às necessidades e afrouxava nossa capacidade criadora e realizadora.

Nos tradicionais outorgantes, caracteriza-se a tendência de substituir a outorga pela venda. E, em suas áreas políticas, há vozes ressonantes que subestimam o papel dos outros exércitos americanos, tentando igualá-los como agências exclusivas de Ação Cívica, na miopia de baralhar nações de dezenas de milhões de criaturas com outras de milhares apenas.

Não podemos depender de sua compreensão. Impõe-se limitar, ao mínimo indispensável, as importações, na imperativa prioridade de recursos para a promoção do desenvolvimento como um processo global. E aumentar a eficiência operativa do Exército, reequipando-o com os frutos do nosso trabalho, preferentemente na indústria civil e, nas fábricas militares, naqueles artigos de pouca viabilidade comercial ou por imperiosas razões de segurança. No entanto, como ditame de nossa soberania, acompanharemos a evolução da Técnica Militar em todos os quadrantes, de forma a não nos distanciarmos no confronto com outras nações.

Nesse quadro, empenha-se a administração superior do Exército, sob a esclarecida direção do Exmo. Sr. Ministro, em atingir taxa

mais elevada de investimentos, suprimindo gastos menos prioritários, reduzindo despesas de custeio e racionalizando o trabalho. Nos próximos três anos, perseguiremos objetivos realistas, como a interiorização da caserna nos rumos do Planalto Central e da Amazônia, o estímulo à pesquisa e desenvolvimento, a formação de pessoal técnico de nível médio, o reequipamento de setores críticos, o incremento da construção de residências funcionais, o levantamento e mapeamento, assim como a intensificação de obras a cargo das unidades de Engenharia no âmbito do Programa de Transportes.

Compatíveis com as disponibilidades atuais, esses objetivos correspondem a período de sacrifícios e contenções. Modestos para a Técnica Militar de um grande país, não devem assoprar frustrações, mas acender a vontade e o idealismo de bons patriotas e de soldados verdadeiros. Podem exprimir-se por estudar, pesquisar, construir, fabricar, recuperar, manter, sintetizando-se tudo em trabalhar e servir.

O papel de Vossas Excelências, nesta derradeira etapa da carreira, se afirmará mais em termos de comando e chefia do que de competência técnica. Para a posteridade, de pouco valerá o sacerdócio da vida inteira se o general engenheiro de hoje e amanhã não afirmar o seu caráter de soldado. Vossas Excelências triunfarão, cumprindo em plenitude as difíceis missões que o Exército lhes confiará, orientando o ardor e a impaciência dos jovens técnicos, no sentido de preparar, agora, as estradas largas do futuro. E consagrando-se a dinamizar, a coordenar, a controlar, a cooperar, a educar e a vigiar.

Consagrem-se a dinamizar o trabalho nos órgãos de direção setorial, nas fábricas, nas oficinas, nos arsenais, nas escolas, nos laboratórios, para que, na vigília da inteligência, frutifiquem os recursos que o povo nos concede para a sua segurança.

Urge dinamizar a pesquisa e o desenvolvimento para fins militares, preparando, com os recursos escassos de hoje, os dias melhores de amanhã. Essa pesquisa tem ensejado — mesmo em tempo de paz — saltos no progresso da humanidade, que a orientação pacifista e comercial da indústria civil não permitiria obter. Não se pode pensar em desenvolvimento autônomo, em emancipação econômica e em soberania, sem ciência e tecnologia nacionais, sem desenvolvimento apoiado em "know-how" brasileiro.

Impõe-se reformular as estruturas destinadas a pesquisa e desenvolvimento, tornando-as mais simples, adequadas e econômicas. A propósito, convém antecipar que, da próxima regulamentação do Estado-Maior do Exército, deverá surgir uma nova Seção, especialmente destinada a Doutrina, Pesquisa e Desenvolvimento. Por outro lado, cumpre selecionar e renovar um grupo de pesquisadores de alto

nível, incentivando os cursos de pós-graduação. Começando, com modéstia e humildade, pelos pequenos projetos, haveremos de chegar a protótipos mais complexos, principalmente nos campos das comunicações, dos blindados e dos mísseis, para entregá-los, depois, à execução pela indústria civil.

Cumpra coordenar o planejamento e a técnica, de forma a reestruturar o Exército em bases realísticas, mas segundo idéia diretora voltada para o futuro.

O adequado controle da indústria a serviço das Forças Armadas é um imperativo dos problemas de segurança e dos padrões de precisão impostos pela conveniência de infalibilidade do equipamento bélico. Impõe-se ainda controlar a capacidade ociosa da indústria militar, empregando-a apropriadamente em benefício do Exército.

Sintonizando com o propósito do Presidente Costa e Silva, a Engenharia militar cooperará, na medida de suas possibilidades, no esforço nacional de aproveitamento da energia nuclear para fins pacíficos, direito que, desde o México — ainda no primeiro governo revolucionário — vimos defendendo cada vez com mais vigor.

Consagrem-se, também, a cooperar para a implantação e o aprimoramento, inclusive pela Pesquisa Operacional, das modernas técnicas de Administração, de Chefia e de Comando, bem como para o estudo e a pesquisa de assuntos ligados aos campos da Ciência e da Tecnologia, vinculados ao setor de pessoal.

Muito haverão Vossas Excelências de fazer, por meio da ação educacional. No âmbito do Exército, é mister plasmar, nos novos engenheiros militares, a consciência do técnico harmonizada à do soldado, aperfeiçoar o ensino superior e lançar-se à formação de tecnólogos. No âmbito da Nação, os chefes técnicos, valendo-se do serviço militar, devem ir ao encontro da juventude, incentivando o espírito inventivo, formando uma consciência tecnológico-científica, despertando vocações e buscando talentos.

E que Vossas Excelências se consagrem a vigiar, como complemento ao trabalho de cada hora. A vigiar para que toda semente frutifique. Para que a vontade não arrefeça. Para que a esperança não malogre. Para que a união não afrouxe. A vigiar na defesa intransigente da Engenharia Nacional. A vigiar os planos de empresas estrangeiras lesivos aos interesses do Brasil, sobretudo no que diz respeito ao despertar da Amazônia, em resguardo de nossa soberania.

E estaremos contribuindo para tornar realidade o "mundo justo" do sonho do "Engenheiro" de João Cabral de Melo Neto: "o mundo que nenhum véu encobre."